

Questionamentos em torno do desejo e da dimensão ética do amor

Questions about desire and the ethical dimension of love

Rebeca Espinosa Cruz Amaral

Carlos Alberto Ribeiro Costa

Resumo

Amor e ética são temas caros a psicanálise e trabalhados ao longo dos tempos em diversas obras, das clássicas às contemporâneas. Apesar disto, não é frequente encontrarmos muitos trabalhos que articulem tais conceitos, o que não deixa de causar surpresa, haja vista a relação destes temas com o desejo, conceito central para esta abordagem. Por isso, este artigo objetiva, através de uma revisão bibliográfica de obras centrais da psicanálise, principalmente de Freud e Lacan, examinar as relações, entre encontros e desencontros, existentes entre o amor e a ética da psicanálise. Nesta empreitada, somos levados a concluir que, para além de suas dimensões imaginárias e simbólicas, o amor também se articula à dimensão real, de modo que nesta articulação se presentifica a falta e se sustenta o desejo, questões eminentemente ligadas à ética, segundo a psicanálise.

Palavras-chave

Ética, Amor, Desejo.

Abstract

Love and ethics are themes dear to psychoanalysis and worked over time in various works, from classical to contemporary. Despite this, it is not often found many works that articulate such concepts, which is not surprising, given the relationship of these themes with desire, a central concept for this approach. Therefore, this article aims, through a bibliographical review of central works of psychoanalysis, especially by Freud and Lacan, to examine the relationships, between encounters and mismatches, existing between the love and ethics of psychoanalysis. In this endeavor, we are led to conclude that, in addition to its imaginary and symbolic dimensions, love is also articulated with the real dimension, so that in this articulation lack is present and desire is sustained, issues eminently linked to ethics, according to the author. psychoanalysis.

Keywords

Ethic, Love, Desire.

Rebeca Espinosa Cruz Amaral

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Mestranda em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa CNPQ. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense e Pós-graduada em Psicanálise: Sujeito e Cultura pela Faculdade de Medicina de Campos dos Goytacazes.

respinosacamaral@hotmail.com

Carlos Alberto Ribeiro Costa Amaral

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (Niterói), Professor Associado do Programa de Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

carloscosta.psi@gmail.com

Introdução

Amor e ética são palavras utilizadas diariamente por inúmeras pessoas em diversos sentidos. Mas, para além do senso comum, são também temáticas caras a diversos campos do conhecimento e abordagens teóricas em suas diferentes apreensões. Algo próximo a isto se dá no campo psicanalítico, para o qual, direta e indiretamente, estes conceitos figuram, por exemplo, centrais nos debates sobre: 1) a *estrutura do aparelho psíquico*, no que concerne à prevalência da libido em nossas funções psíquicas e à ampliação da implicação subjetiva e da responsabilidade para além da consciência; 2) *os modos de constituição subjetiva*, posto que nas diferentes “estruturas clínicas”, há distintos modos de articular o amor pulsional e de subjetivar as relações à castração e ao desejo; 3) à *dimensão social e política do inconsciente*, na medida em que o amor aparece ao mesmo tempo, para Freud, como recurso e uma das mais significativas formas do mal estar, assim como implica o desafio civilizatório de convívio com os demais e com a diferença.

Apesar disto, não é tão comum nos depararmos com muitos trabalhos que articulem mais especificamente tais conceitos. Isto, porém, nos soa até mesmo de certa forma inquietante, tendo em vista que ambos estão relacionados diretamente a um dos conceitos centrais da psicanálise, qual seja, o conceito de desejo, uma vez que o amor está, em sua origem, ligado ao advento do desejo e, a ética da psicanálise consiste, como buscaremos aprofundar neste trabalho, em uma ética do desejo.

Assim, se a ética da psicanálise é a ética do desejo e este se origina atrelado ao amor, isto nos indica que há entre a ética e o amor uma relação que, apesar de ainda pouca explorada, precisa ser investigada tendo em vista a relevância teórica e clínica dessa questão. Este artigo, portanto, objetiva, através de uma revisão bibliográfica de obras centrais da psicanálise, principalmente de Freud e Lacan, examinar as relações entre os encontros e desencontros do amor, visto por uma perspectiva psicanalítica e privilegiando a investigação das neuroses e a ética da psicanálise.

O desejo: um “conceito-dobradiça” entre amor e ética

Na psicanálise o sujeito só pode ser pensado a partir de sua relação com o desejo, visto que este está implicado desde seu processo de constituição e será o que irá movê-lo na cadeia significante. Além disso, as teorizações a respeito do desejo encontram-se imbricadas às do amor na teoria lacaniana - como veremos a seguir - e tem nesta também um papel fundamental no que o autor (2008 [1959-1960]) defende como a ética da psicanálise. Por estes motivos, é importante que lancemos mão de discorrer brevemente sobre este “conceito-dobradiça” que é o desejo, para que, num segundo momento, recoloquemos a questão motor desse artigo.

Com isso em vista, começamos nossa investigação pelas bases freudianas. Nesta perspectiva, nossa condição de desamparo e incompletude, implica que os processos pulsionais e afetivos são cruciais para a constituição de nosso aparelho psíquico e de nossas formas de construção de enlace aos demais sujeitos, na cena da civilização. Destarte, ao adentrar num mundo já complexo e repleto de trocas simbólicas e materiais que o precedem, o bebê é tomado por uma série de estímulos internos e constantes (como a fome), que lhe causam mal-estar, por gerarem acúmulo de tensão, de excitação. A esse mal-estar o bebê reage com o grito, vocalização carente de sentido, que pode ser tomada por um Outro como apelo ou demanda; ao ser-lhe fornecidos alimento e cuidado, o sujeito empreende uma “ação específica”, que suprime a tensão e causa a vivência e registro da primeira experiência de satisfação.

Nessa experiência inaugural, passam a ser associados à imagem do objeto, marcadas pela alteridade, que proporcionou a satisfação (o seio) e a do movimento que a permitiu (a sucção) de modo que ao despertar novamente a necessidade essas imagens serão reinvestidas na tentativa de reviver a situação de satisfação original. Freud, em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1996 [1895]), propõe chamar esse impulso para reencontrar o objeto, balizado por esse Outro que o mediou, de desejo. Por outro lado, evocando a dimensão ética, Freud eleva esse desamparo inicial à “fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1996 [1895], p. 193), posto que essa dependência inicial da vida em comum com o Outro, coloca a criança à revelia de seu fazer e, exige, num segundo momento, não o recurso a um código de regras estritas de conduta, mas um fazer singular com o que se faz dela, na consolidação da ação específica.

Mergulhado novamente num estado de tensão, o infante, porém, ao reproduzir alucinatoriamente essa experiência, se depara com o desapontamento pela ausência do objeto real (o seio), sem o qual a necessidade persiste e não há satisfação, sendo a única saída acionar a imagem do movimento, chupando o vazio num movimento que produz satisfação da zona erógena e faz com que a sensação de prazer vá se desvinculando da satisfação de necessidade, inaugurando a pulsão sexual e o desejo, que por sua vez, tenta sempre restituir a situação dessa primeira experiência. Lacan explicita ainda mais essa desvinculação entre necessidade, desejo e satisfação, ao enfatizar que para além do objeto da privação, (por exemplo, o leite), o desejo se dirige cada vez mais ao Outro, buscando reencontrar, via construção da demanda, uma presença ou uma ausência, o que pode ser visto na relação primordial com a mãe, de modo que “A demanda, no fundo, é uma demanda de amor – demanda daquilo que não é nada, nenhuma satisfação particular, demanda do que o sujeito introduz por sua simples e pura resposta à demanda” (LACAN, 1999 [1957-1958], p. 394).

Segundo Elia (2004), porém, esta demanda, que é sempre de amor, só pode ser entendida articulada ao objeto faltoso que a habita, posto que fruto do descompasso entre a satisfação esperada e aquela efetivada, o qual, tendo sido fragmentado e descaracterizado pela passagem do significante, é nomeado por Lacan (2005 [1962-1963]) como “objeto *a*”. E este objeto *a*, que sempre habita o objeto em geral, é também entendido como objeto causa do desejo – e não objeto do desejo -, ou seja, que por faltar na experiência, causa o desejo do sujeito.

Se a demanda elevou, por assim dizer, o objeto à categoria de Outro, e lhe deu todas as prerrogativas de presença e de amor, o desejo faz o movimento contrario, reconduz o movimento da demanda ao plano do objeto, rebaixa o Outro a esse plano, destitui o Outro das prerrogativas que a demanda lhe conferiu e dá novamente os títulos de honra ao objeto. O desejo degrada o Outro em objeto, ou seja, reduz seu grau, promovendo uma queda do Outro e sua virada no objeto que, dele caindo, o descompleta, o fura, o barra (ELIA, 2004, p. 55).

É por isso que Elia (2004) afirma ser impossível conceber a demanda – que é “sempre de amor” – sem a intervenção do desejo, pois há na primeira uma mentira estrutural que torna impossível sua satisfação plena visto que ela promove o desprendimento dos objetos ao articular os anseios do sujeito pela linguagem. Em sua verdadeira estrutura, portanto, ela já é desde sempre habitada pelo desejo que marca para ela a impossibilidade de satisfação. Ora, também nesse âmbito, amor desejo e ética parecem desvelar certo enodamento: ao longo de sua existência, o sujeito constituirá um arcabouço de posições, modos de satisfação e balizas fantasísticas em suas relações com esse objeto constituindo um verdadeiro ethos – que o

particulariza e o implica de forma singular – em relação ao objeto que o causa.

Ainda em relação ao desejo, diz Lacan (1998 [1958]) que este não é nem o apetite da satisfação e nem a demanda de amor, mas sim o fenômeno da fenda que resulta da subtração do primeiro à segunda. Deste modo, Lacan (2010 [1960-1961]), ao tentar aludir à origem do amor, o faz articulando-o ao desejo, na medida em que para ele o amor advém para tentar recobrir a vacilação da demanda que surge articulada a estrutura desejante. Afirma ele:

Ora, é à questão formulada ao Outro, quanto ao que ele pode nos dar e ao que tem para nos responder, que se liga o amor como tal. Não que o amor seja idêntico a cada uma das demandas com as quais o assediamos, mas ele se situa no mais além dessa demanda, na medida em que o Outro possa ou não nos responder como última presença (LACAN, 2010 [1960-1961], p. 215).

Este Outro, que ele define como lugar terceiro, lugar da fala, que sempre está presente nas relações com o pequeno outro semelhante a partir da articulação significativa, é, segundo ele, um Outro incessantemente evanescente, e que por este motivo, nos coloca também na posição de incessantemente evanescentes. Diante disso, e a partir de sua postulação de que o desejo é sempre o desejo do Outro, é na medida em que este Outro é evanescente, que se dá a mola do nascimento do amor, pois é por haver falta nesta estrutura desejante, neste Outro, que se estabelece um mais-além que faz com que seja demandado dele uma resposta sobre a falta. Acrescenta, assim, que:

O desejo, em sua raiz e sua essência, é o desejo do Outro, e é aqui falando propriamente, que está a mola do nascimento do amor, se o amor é aquilo que se passa nesse objeto em direção ao qual estendemos a mão pelo nosso próprio desejo e que, no momento em que nosso desejo faz eclodir seu incêndio, nos deixa aparecer, por um instante, essa resposta, essa outra mão que se estende para nós, bem como seu desejo (LACAN, 2010 [1960-1961], p. 225).

Mas aqui, é importante acrescentar que este estender as mãos do outro é um movimento imaginário, pois essa resposta ele a dá não sabendo a seu respeito, como diz Lacan (1995 [1956-1957]) no *Seminário livro 4*, no sentido de que amar é dar aquilo que não se tem. É, então, tendo essas postulações referentes à relação entre o amor e o desejo em vista que, seguindo as indicações de Lacan (1985 [1972-1973]), podemos notar que ambos dizem da relação do sujeito com sua falta, sendo diferentes respostas para esta. A isto, retornaremos mais à frente, antes, porém, é importante nos determos por um momento nas considerações que a partir de tudo isso, Lacan (2008 [1959-1960]) faz em relação à ética da psicanálise.

Breve comentário sobre a ética da psicanálise

Miller (2010) destaca que ao falar sobre a ética, Lacan o faz retomando este termo em Freud, principalmente como indiretamente trabalhado por ele em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1996 [1930]). Isto, pois, neste texto, Freud assinala o conflito entre as exigências da pulsão e as restrições da moral civilizada - além de algo próprio de nossa constituição psíquica - atribuindo a estas uma contribuição para o campo dos obstáculos a não satisfação das pulsões.

Neste ponto, é crucial destacar que Freud sempre se interessou por investigar o tema da felicidade, notando, desde cedo, o caráter de sua inacessibilidade. Por isto mesmo, ao considerar que o princípio do prazer imporia “o programa de tornar-se feliz”, ressaltava que a psicanálise, no entanto, não poderia fazer àqueles que a procurasse, qualquer promessa neste sentido, pois no que concerne à felicidade como um estado ininterrupto de satisfação, este programa era impossível. Acreditava, então que uma coisa que a psicanálise podia fazer por seus pacientes, a partir da felicidade total impossível, era, ao lado de reconhecer a possibilidade de fruição de momentos efêmeros de realização, transformar o sofrimento neurótico numa infelicidade comum e, deste modo, armá-los melhor contra essa infelicidade (FREUD, 1996 [1885]). Neste ponto, Darriba, Bencke, Cardim, De Carvalho, De Lima, Pestana e De Oliveira (2009) reconhecem um posicionamento ético de Freud, na medida em que:

O texto de Freud é pontuado de referências a obstáculos que ele verificava se imporem ao método. Entendemos que, mais do que a consideração de tais obstáculos, o que coloca Freud na trilha de uma ruptura clínica e teórica é sua resposta não ter sido pautada pelo aprimoramento do método (para que o objeto ceda), e sim pelo ceder ao objeto. Ou seja, afirmamos que a resposta de Freud, nesse momento crucial, não é técnica, mas ética. A passagem do método catártico à psicanálise, da posição de médico à de analista, não é uma necessidade técnica, mas uma decisão ética. Decisão ética pela qual algo da ordem do desejo em Freud mudou o universo da clínica para nós. O desejo em Freud fundou uma ética (DARRIBA *et. al.*, 2009, p.172).

É isto que retoma Lacan (2008 [1959-1960]) ao afirmar que a psicanálise não visa o bem dos sujeitos, não é normalizadora, mas sua ética considera o inconsciente e a verdade de que há um mal-estar inerente à condição humana. Neste sentido, a ética da psicanálise consiste na ética do desejo dos sujeitos, ou seja, é uma ética de afirmação do desejo. É neste caminho que o autor defende que a finalidade da ação ética para Freud não é o bem, mas o Real, introduzindo aqui a noção de *das Ding*.

Isto, pois retomando as postulações freudianas em relação ao desamparo, já em 1895, Freud nos confrontava com o fato de que desde o início de nossas relações, como é o caso da primeira relação do sujeito com um Outro a quem recorre para lhe amparar, há algo que escapa, que resta, que não se extingue por completo. Lacan (2008 [1959-1960]) explica tal postulação afirmando que este Outro não dá conta de dar a este sujeito todo o suporte por já estar submetido ao simbólico, ou seja, já portar o corte do simbólico. É, em função disto, que, segundo ele, algo resta no real, que ele chama de *das Ding*, sua referência ao que Freud chamou no texto citado de *a Coisa*, definindo-a como um componente não assimilável e que se mantém coeso nessa relação com o Outro - que aqui ele chama de próximo - ao que Lacan afirma que essa Coisa, *das Ding*, é aquilo que o sujeito em sua experiência deste próximo isola como sendo por natureza estranho, ou ainda, é aquilo que “do real primordial padece de significante” (LACAN, 2008 [1959-1960], p. 149).

Seguindo a obra psicanalítica, vemos, então, ser em torno deste objeto que o encaminhamento desejante do sujeito se orienta, pois, se trata de reencontrá-lo. Porém, tal objeto não poderá jamais ser reencontrado, pois ele é como demonstram os autores que aqui estamos abordando, por natureza perdido.

Esta é, assim, a via explorada por Lacan (2008 [1959-1960]) para falar de uma ética da Psicanálise: *das Ding*, a Coisa, o objeto do desejo em sua opacidade, sendo em torno dela que seu seminário articula a proposta de uma ética psicanalítica que considere a ação humana como orientada por

uma referência ao Real. Isto traz uma série de implicações éticas e clínicas posto que implica, para o sujeito, que este de depare, para além da determinação inconsciente pela via de uma articulação significativa (passível de matematização e reiteração), com um campo de verdadeira indecidibilidade – impasses irreduzíveis à respostas articuladas *a priori*, e que exigem algo de uma criação a cada encontro com o campo do desejo.

Assim, a partir disto, a ética da psicanálise trata-se não de uma ética das obrigações, da busca por um Bem Supremo, ou por códigos morais pré-definidos, mas como ética do desejo, dos limites do articulável simbolicamente, na medida em que isto coloca em evidencia a tragicidade, o corte – como perda – e o *nonsense* que a linguagem presentifica para o homem. A Coisa, logo, indica o vazio central em torno do qual se tece a própria rede significativa.

Por outro lado, Rinaldi afirma que a linguagem ocupa, para Lacan, como bordejamento possível deste vazio, o mesmo lugar que o princípio de prazer em Freud, na medida em que institui uma distância em relação à Coisa (RINALDI, 1996). Com isso, podemos afirmar que, pela ótica lacaniana, a distinção entre princípio de prazer e princípio de realidade seria da ordem da experiência propriamente ética: Lacan destaca que Freud não identifica a adequação à realidade a um bem, mas sim que seu princípio funciona “como que isolando o sujeito da realidade” (2008 [1959-1960], p. 61) – no sentido de estabelecer uma “boa distância” em relação ao real - o que não evita que seja num para além dessa borda que o sujeito pode se deparar com a subversidade de seu desejo.

É no nível da boa e da má vontade, e até mesmo da preferência pela má no nível da reação terapêutica negativa, que Freud, no termo de seu pensamento, reencontra o campo de *das Ding*, e designa-nos o plano do para além do princípio do prazer. É como um paradoxo ético que o campo de *das Ding* é reencontrado no final, e que Freud aí nos designa o que na vida pode preferir a morte. E ele se aproxima por meio disso, mais do que qualquer outro, do problema do mal, mais precisamente do projeto do mal como tal (LACAN, 2008 [1959-1960], p.127).

Tal posicionamento não deixará, por certo, de ter implicações para a clínica psicanalítica. A orientação clínica psicanalítica primará por operar uma direção que se opõe à busca pelo bem do sujeito, nos sentidos *caritativo, utilitarista* (balizado pelo útil, funcional e adaptado) ou *transcendental* (da busca por um Bem Absoluto, que é inexistente e, logo, inalcançável). Tampouco se tratará, na escuta do analista, de prover objetos ou modos de satisfazer as demandas do analisante, em nome de uma demissão da responsabilidade do sujeito. O lugar a nós concedidos pelo paciente via transferência deve, antes, causá-lo em direção à reescrita de sua história, ao (re)encontro – no sentido ativo de atualização – de suas figuras privilegiadas de alteridade e de gozo, o que supõe o exercício ético de recusarmos responder do lugar de mestria que sua suposição de saber pode vir, ilusoriamente, a alojar.

Uma visão psicanalítica sobre o amor

Feitas essas breves considerações, é importante que agora, então, adentremos o campo do amor mais propriamente. Com este objetivo, inicialmente, é possível notar como ao longo de sua obra, Freud refere-se ao amor tratando-o como um reencontro que possibilitaria substituir a satisfação perdida na infância (FREUD, 1996 [1905]). A partir disso, o autor afirma ser o amor fundamental na constituição do eu no narcisismo, servindo este de matriz para as posteriores escolhas do objeto amoroso, sejam elas narcisistas ou anaclíticas. Pois, segundo ele, o amor é procurado

por aqueles que renunciaram a uma parte de seu narcisismo e transferiram parte da libido até então voltado para o eu, para o objeto amado (FREUD, 1996 [1914]). Isto é possibilitado pelo ideal do eu, e, neste sentido, Lacan (2009 [1953-1954]) afirma que o sujeito o constrói enquanto bússola que o norteará na tentativa de alcançar, por meio da identificação, uma forma de ser e desejar.

Destaca-se, assim, a importância do ideal do eu para a costura de tais laços na medida em que sua constituição permite o direcionamento às identificações secundárias a partir das quais o sujeito poderá sustentar uma forma de satisfação e enlaçamento com os objetos das pulsões inibidas em seu objetivo.

Importante frisar que a constituição deste ideal deixa claro o lugar do pai neste processo, pois Freud (1996 [1921]) já afirmava que ele se encontrava na base do ideal do eu e Lacan (1995 [1956-1957]) reafirma esta postulação, introduzindo o pai como aquele que, em relação à mãe e à criança, é o suposto detentor do falo, e que, portanto, pode dá-lo à criança. É por este motivo que este pai, enquanto suposto detentor do falo, para onde se dirige o desejo da mãe, é a base da constituição do ideal do eu para a criança.

A partir disto, Freud (1996 [1921]) postula que o fenômeno de estar amando implica que o objeto amado seja idealizado, ou seja, colocado no lugar deste ideal do eu, primariamente ocupado pelo pai. Vemos, assim, que o processo de idealização tem um papel central nos relacionamentos amorosos.

Mas, Lacan (1996 [1956-1957]) vai além retomando a relação intrínseca do amor com a falta, e, analisando-o em sua dimensão simbólica, compreende o amor como um dom que se recebe e que está diretamente ligado ao falo. Para ele, o amor é uma significação que remete à incompletude do sujeito, ou seja, só ama quem dá o que não tem e quem sente falta de alguma coisa, ou seja, quem se depara com a castração. Com isso, afirma neste momento que o amor é dar um nada, um nada simbólico, o falo, o qual se dá também como uma afirmação da castração na medida em que o sujeito só pode declarar o seu amor na medida em que é incompleto.

Neste momento, recorrendo às conceituações lacanianas, podemos dizer que o amor como exposto até o presente momento, foi descrito em suas dimensões imaginárias e simbólicas. Dizemos isto, pois, se aproveitando do reconhecimento dos três tempos centrais na obra de Lacan, podemos encontrar neles também diferentes tratamentos do autor para com a concepção do amor. No início de sua obra, Lacan aborda o amor mais a partir do imaginário estudando-o pelo viés da relação narcísica; no segundo momento, o autor o enfatiza sobre o prisma do simbólico, relacionando-o com a dimensão da falta, da intervenção do pai enquanto suporte do ideal do eu, e do desejo; e por fim, privilegia suas novas formulações sobre o real, teorizando-o com base na impossibilidade de inscrição da relação entre os sexos.

No que diz respeito a esse terceiro paradigma, o célebre e polêmico aforismo lacaniano de que “*não há relação sexual*” (LACAN, 2003 [1973], p. 546), permite-nos interrogar se o amor faria suplência a essa inexistência. Quanto a isso, o próprio Lacan responde que sim, porém, através de uma leitura mais minuciosa de suas postulações, sustentamos a hipótese que essa suplência comporta ao mesmo tempo uma dimensão de velamento e também de revelação. Isto, pois, por relacionar-se à falta, acreditamos que o amor também presentifica a dimensão do real que se faz presente no seio da relação sujeito/objeto na medida em que nenhum objeto pode responder ao sujeito.

É neste sentido que sustentamos que o amor remete à incompletude do sujeito, visto que só ama quem se depara com a castração e com algo de

inatingível. Ou seja, ao tentar obturar a falta o amor marca sua existência, pois, do contrário, ele próprio cessaria. Assim, apesar de sua função de inscrever algo de simbólico no real, o amor também faz com que os sujeitos se confrontem com o não todo, de modo que ao contrário da relação sexual, ele existe, mas é “falho”, impotente, em seu objetivo de velá-la por completo, havendo sempre algo do real que comparece. E, de certa forma, felizmente ele “falha”, pois isto não permite que o desejo cesse.

Poderíamos dizer, então, que também para o amor não há um objeto que o satisfaça totalmente, pois sempre que o sujeito supostamente reencontra o objeto, se faz presente o caráter faltoso de *das Ding*, caracterizando-o como um encontro faltoso.

O gozo será, assim, sempre parcial, pois nunca se logra reencontrar o objeto que permitiria a completa satisfação. Este gozo parcial, Lacan nomeou como gozo fálico, opondo-o ao gozo primordial, absoluto, referente ao gozo do Outro, o qual lhe fica proibido pela castração. Ele afirma, assim, que há uma perda em nível de gozo a partir da entrada na linguagem e, em seu lugar abre-se espaço para o desejo.

Deste modo, a perda oriunda da inscrição no simbólico será a mola do desejo visto que mantém aberta uma fenda que o sujeito tentará constantemente tamponar na tentativa de dar conta de sua *falta-a-ser* e se estabelecer na cultura como um sujeito inscrito no regime da castração. O sujeito castrado é, portanto, não-todo, mortal, sexual, não pode gozar plenamente, resta-lhe o destino de desejar.

A partir disso, podemos retomar o anteriormente dito de que segundo Lacan (1995 [1956-1957]), nas neuroses, a dimensão fálica é constitutiva do amor por não haver nada maior que o dom de sustentar a castração, tendo em vista que o amor só existe pela falta, pelo falo como correlativo do pai. Um falo, porém, que se apresenta como falta e marca, no investimento libidinal, um resto.

Vale acrescentar que ao versar sobre a dimensão fálica como constitutiva do amor nas neuroses, Lacan (1995 [1956-1957]) também destaca que a dimensão do dom só se dá com a introdução da lei, ou seja, o simbólico, pois na medida em que inscreve a falta no Outro é fundamental à dimensão do amor. O amor, portanto, não pode objetar à castração, pois se origina de nossa submissão a este limite. Nesse sentido, podemos dizer que a castração é, de certa forma, um destino que marca a impossibilidade da complementariedade ou seja, a impossibilidade do encontro pleno com o objeto.

Identificamos, portanto, de certa forma, também no amor a marca da impossibilidade, como viemos defendendo. Deste modo, mesmo que diante da falta, o amor se erga a procura do todo, como afirma Ferreira (2004), ele faz parte de uma grande ilusão do mundo, pois “*não elimina nem a falta, porque ela faz parte da constituição do aparelho psíquico (subjetividade), nem o desconforto do homem no mundo*” (FERREIRA, 2004, p. 11). Ou seja, se o amor presentifica a castração - pois amar supõe assumir a falta - a busca pelo todo inerente ao amor não elimina a falta, pois a relação sexual inexistente, o que apenas reitera as articulações do amor como representante do impossível.

É, então, com essas articulações entre o amor e o impossível, e assim, entre ele e o real, que rumaremos para o questionamento central deste trabalho em relação a existência de uma ética, como entendida pela psicanálise, no amor, visto que, Lacan (1959-1960/2008) coloca esta como diretamente ligada ao real.

O amor é ético?

Recorrendo novamente a Ferreira (2004), esta autora afirma que localizar o amor a partir do encontro sempre faltoso com a sexualidade faz com que não só sejam realizadas por Freud e Lacan concepções a respeito do amor, como também, por ser efeito da estruturação do desejo, isto introduz a perspectiva ética da psicanálise. Neste sentido, afirma também a autora um ano depois (FERREIRA, 2005) que enquanto a obra freudiana se concentra em uma abordagem do amor que, inicialmente se articula com o narcisismo e, em seguida, se relaciona com a tendência à unificação, Lacan traz uma nova dimensão ao introduzir um mais-além no par amante-amado onde anuncia-se uma articulação à ética da psicanálise na medida em que esse amor, ao possibilitar a convivência do amante e do amado com as singularidades, se articula com o desejo.

Assim, para iniciar este ponto, é preciso que antes retomemos por um breve momento as articulações já explicitadas acima em relação ao amor, ao desejo e a demanda para acrescentarmos a colocação de Lacan (2010 [1960-1961]) de que a princípio o sujeito não ama, ele demanda amor - como, na relação primordial da criança com a mãe - transformando-se em amante, ou como diz Lacan, passando de *érômeno* à *érastès*, pela operação do que ele chama de metáfora de amor. Diz assim, que para ele:

É no próprio princípio da situação que o sujeito é introduzido como digno de interesse e de amor, *érômenos*. E para ele que se está ali. Este é o efeito - se podemos dizer manifesto. Mas existe um efeito latente, que está ligado à sua não-ciência, a sua insciência. Insciência de quê? - daquilo que é justamente o objeto de seu desejo de um modo latente, quero dizer, objetivo, ou estrutural. Esse objeto já está no Outro, e é na medida em que é assim que ele é, quer o saiba, quer não, virtualmente constituído como *érastès*. Simplesmente por esse fato ele preenche essa condição de metáfora, a substituição pelo *érastès* do *érômenos*, que constitui em si mesmo o fenômeno do amor (LACAN, 2010 [1960-1961], p. 244).

Com isso, podemos observar, juntamente com Lacan, que é em torno do questionamento feito pelo sujeito a respeito do Outro - O que ele quer? -, que se estabelece um para além em virtude do qual o amor pode se constituir, ou seja, ele é investido pela estrutura faltosa, incompleta. E, é na medida em que essa constituição se dá, como vemos, no caminho da demanda, que podemos reafirmar o caráter narcísico do amor, pois ao amarmos, em última instância, amamos o que está para além do sujeito - o falo - e exigimos, demandamos, dele visando nossa completude.

É neste sentido que alguns autores apontam o amor - entre o registro imaginário onde se encontra a fantasia e o registro simbólico onde se encontra a linguagem - como uma tentativa de apaziguamento da incompletude que nos estrutura e, onde o desejo é o anúncio da falta, tentando, responder vitoriosamente a essa falha inerente por não admiti-la. Seguindo este caminho, poderíamos dizer que o amor aparentemente se afasta da ética da psicanálise, indo num caminho oposto ao da sustentação do desejo ao, de certa forma, opor-se a ele ao tentar extinguir a falta que o funda.

Porém, como já vimos, na medida em que a cada vez que o sujeito supostamente reencontra o objeto, o caráter fugidio da Coisa aparece, o amor pode ser visto, então, como um encontro faltoso, que aplaca, mas não elimina a falta que é constitutiva dos sujeitos. É o que afirma Quintella (2010) ao dizer que:

Se, contudo, na perseguição narcísica pela completude, o amor faz signo, é pela aceitação da falta no Outro - e, portanto, da sumária inexistência de garantia de sucesso no que tange a relação amorosa entre pares - que cada sujeito é convocado a assumir sua condição desejante à medida que

o encontro com o outro revela na verdade um encontro faltoso, recebendo do grande Outro sua falha estrutural. [...] Por isso mesmo é que o amor, na sua natureza mesma de signo diante do desejo de ser Um, presentifica, ali mesmo, a falta no Outro. Não é fora da condição amorosa, mas em seu campo, que o desejo marca para o sujeito a finitização [...] deixando para ele a função de desejar perante sua própria condição transitória (QUINTELLA, 2010, p. 5).

Aqui, vale destacar que a ótica lacaniana traz uma importante concepção de certa desarmonia, em oposição ao visado fim harmônico, ou feliz, como dizia Freud em suas investigações, como já destacamos acima. Assim, para ele, o desejo é desarmonioso e particular, como afirma no fim do seminário que antecedeu o da ética ao dizer que ao nos aprofundarmos neste desejo “ele se decompõe, se desarticula em algo que se apresenta como sempre mais distante de uma relação harmônica” (LACAN, 2016 [1958-1959], p. 504).

É tendo isso em vista, portanto, que podemos afirmar que a psicanálise se dirige a proposições contrárias a possibilidade de uma harmonia, ao dizer, por exemplo, que a sexualidade não admite completude, que esta é impossível desde que somos seres de linguagem e algo falta ao Outro, pois não há nenhum atributo natural que a norteie, apenas a pulsão e o desejo sempre em falta. Ela é regida, pois, por uma ética que toma o desejo como norte, considerando a singularidade das falas de cada analisante a respeito dos enigmas de sua sexualidade.

Vimos, assim, que seguindo os ensinamentos de Freud, Lacan faz importantes apontamentos referentes à temática das relações amorosas através da articulação do amor com o falo e o desejo, mostrando, porém, que há aqui algo que faz com que o sujeito se certifique da falta. Pois o falo, ninguém o possui, sendo o nada aquilo que se dá no amor, ou seja, o falo que não se tem, de modo que através disto é possível vislumbrar aquilo ao que posteriormente Lacan irá se referir como a não relação sexual.

Neste sentido, Branco (2014) afirma que Lacan propõe uma separação fundamental entre o amor e a ideia de bem na medida em que o amor coloca em jogo a transmissão àquele que ama de uma falta inscrita em seu desejo, de modo que no lugar do Bem o que se oferece, ao se tocar a dimensão do desejo, é o confronto com o vazio, sustentando, com isso, pelo amor, uma carência que move o desejo. Com isso em vista, o autor afirma que na passagem do *érômeno* à *érastês*, da qual falamos no início deste tópico, ocorre que:

O amor transforma imediatamente aquele que era objeto amado em sujeito amante, ou, dito de outro modo, o amor transforma aquele que ama em alguém que direciona sua falta ao Outro, isto é, o amante projeta, sobre o outro (amado), sua falta. A partir disso, a relação amorosa transmite uma incompletude que é colmatada pela promessa de união que o próprio amor oferece. Amar é oferecer em exposição à falta que o marca, é dar uma ausência que pede, ou melhor, demanda... demanda que é sempre, por definição, demanda de amor (BRANCO, 2014, p. 88).

Assim, na medida em que o amor presentifica a falta no Outro, a falta de garantia de sucesso na relação, o impossível, o real, ele convoca o sujeito a assumir sua condição desejante. É, então, neste sentido, que podemos apostar que há no amor uma ética que caminha na mesma direção da ética da psicanálise, uma ética do desejo.

Para finalizar sustentando esta perspectiva, trazemos, por fim, a postulação de Munoz (2011) que afirma que enfrentar a encruzilhada que se coloca diante da impossibilidade estrutural, do real que a não relação sexual supõe, é uma prova de amor que Lacan chama de “coragem em vista desse destino fatal”. Tal coragem, a autora define como o caminho de um

reconhecimento na medida em que Lacan (1972-1973/1985) afirma que o amor se baseia numa relação entre dois saberes inconscientes, de modo que, para ela, o amor é um dizer – que se dirige ao saber do inconsciente – como acontecimento. E, que como acontecimento, implica um nó com as três faces, sendo, assim, imaginário, simbólico e real. Ao, então, não retroceder diante do real do inconsciente, a prova de amor, ou, “a coragem em vista desse destino fatal” é um juízo ético” (MUNOZ, 2011, p. 45).

Considerações Finais

Tendo em vista o exposto acima, é possível concluir que por ambos estarem diretamente ligados ao desejo, amor e ética estão também entre si intimamente relacionados. Assim, se num primeiro momento, ao nos voltarmos para as teorizações imaginárias e simbólicas do amor, o vemos unicamente como uma busca pela completude, pelo rechaço da falta – o que poria fim ao desejo -, de modo que nesta concepção ele caminharia em sentido oposto à ética da psicanálise, é ao nos voltarmos para sua dimensão real - apostando nesta e visualizando o modo como o amor ao tentar velar esta falta acaba por revelá-la convocando, com isso, o sujeito a sua posição desejante – que se torna possível apostar e localizar as aproximações entre o amor e a ética da psicanálise no que esta consiste em uma ética do desejo.

A questão que dá título a este trabalho, porém, não se fecha com seu fim, visto que a aposta que aqui se faz evidencia o quanto o ponto de chegada deste escrito é marcado pela abertura teórica em direção a questões mais amplas, que exigem maiores estudos, e cautela. Por este motivo, faz-se necessária uma escavação mais profunda das teorias que circulam esta temática para possibilitar uma investigação mais minuciosa sobre as relações entre os conceitos aqui destacados, pois tal investigação nos permitirá avançar sobre questões que a clínica psicanalítica nos coloca.

Sobre o artigo

Recebido: 13/07/2019

Aceito: 05/08/2019

Referências Bibliográficas

- BRANCO, F. C. **Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 85-98, June 2014.
- DARRIBA, V. A.; BENCKE, A. M. C.; CARDIM, E. B.; DE CARVALHO, P. B. M.; DE LIMA, D. A. P.; PESTANA, G. M.; DE OLIVEIRA, D. H. **Algumas evidências da fundação ética da psicanálise em ‘A psicoterapia da histeria’**. *Estud. psicanal.* [online]. 2009, n.32, pp. 171-180.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FERREIRA, N. P. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FERREIRA, N. P. **Amor, ódio e ignorância: literatura e psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005.

- BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1885). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. II.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I. p. 355-466.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII, p. 119-231.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: Uma introdução (1914). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV. p. 77-108.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII. p. 75-146.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI. p. 27-148.
- LACAN, J. **O Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, J. **O Seminário livro 4: a relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, J. **O Seminário livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, J. **O Seminário livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.
- LACAN, J. A significação do falo (1958). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. **O Seminário livro 8: a transferência (1960-1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, J. **O Seminário livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. **O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. ...ou pior (1973). In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 544-549
- MILLER, J-A. Convergência e divergência. **Opção Lacaniana**: online nova série. ano 1, nº 2, julho de 2010.
- MUNOZ, P. Coragem diante de um destino fatal. In: BORGES, Sonia; AMBRAMOVICH, Scheila. **O amor e suas letras**. Rio de Janeiro: 7letras. 2011. p. 40-46
- RINALDI, D. **Ética da diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Jorge Zahar Ed.,1996.
- QUINTELLA, R. Narcisismo entre o amor e a morte: notas sobre a relação entre narcisismo, desejo e transitoriedade na esfera do amor. In: **JORNADA DE PSICANÁLISE DO CAMPO LACANIANO**. Rio de Janeiro, 2010.